127ª EDIÇÃO
Novembro de 2026
revistarenascer.com

SANTIDADE

REVISTA Renascer



QUEM TEM OUVIDOS, OUÇA!

Keila Garcez

CAFÉ TEOLÓGICO:
As ovelhas conhecem a voz do Pastor
Irismar Queiroz

NOVOS DILEMAS:
A obrigação de ter uma opinião
Bárbara Volnei

PALAVRA PASTORAL:
O poder da palavra liberada
Pr. João Queiroz





ÍNDICE

04 | Carta da Editora:
Entre tantas vozes

05 | Receita de Casa:
Waffle de queijo e de memórias
Amanda Martins Santos de Carvalho

06 | Novos Dilemas:
A obrigação de ter uma opinião
Bárbara Volnei

07 | Café Teológico:
As ovelhas conhecem a voz do Pastor
Irismar Queiroz

08 | Visão de Mercado:
Sua empresa tem voz. Mas você sabe usá-la?
Luiz Neto Fontes Júnior

09 | **O que leio, ouço e oro**

10 | Capa:
Quem tem ouvidos, ouça!
Keila Garcez

12 | Por Dentro e por Fora:
Novembro azul. E os outros 11 meses?
Dr. Flávio Marques dos Santos

13 | Querida Amiga:
Não tenha vergonha da sua voz
Armanda Paz

14 | Palavra Pastoral:
O poder da palavra liberada
Pr. João Queiroz

16 | **ENTREVISTA - Mariane Ferreira**
O luto também precisa ser ouvido

17 | Para Edificar a sua fé:
O tempo passou, Deus não esqueceu!
Maria das Graças de Oliveira Medeiros

18 | Histórias & Afins:
Ouvidos para ouvir, coração para obedecer
Anibal Filho

REVISTA
Renascer

Expediente:

Presidente: João Queiroz

Editora Responsável:
Marina Oliveira Lopes Coelho

Diagramação:
Thierry Wilhans Alcântara

Revista online:
Vinícius de Carvalho Santos

Página Amarela: Anibal Filho

Impressão: Flex Gráfica
Tiragem: 1000 exemplares
Site: revistarenascer.com
Instagram: @revistarenasceribr

ZAION PUBLICIDADE E EDITORA
CNPJ: 38.418.192/0001-23
Rua 208 com 9ª Avenida, 364,
Setor Leste Vila Nova
CEP: 74563-220
Goiânia – Goiás – Brasil
Site: agenciazaion.com.br
Instagram: @agenciazaion

Acesse o QR code para ler as matérias em inglês, espanhol e francês:

Carta da Editora

ENTRE TANTAS VOZES

Há edições que começam em uma reunião de pauta. Outras surgem de uma conversa, de uma leitura, de uma inquietação. Esta começou enquanto eu ouvia uma Palavra ministrada na igreja. O pastor Irismar Queiroz falava sobre a ovelha que conhece e ouve a voz do seu pastor. Enquanto eu escutava aquela mensagem, uma frase começou a crescer dentro de mim: isso daria uma edição inteira da Revista Renascer. E, quase imediatamente, outras palavras começaram a se juntar a ela: voz, escuta, ouvir, obediência, palavra, silêncio, discernimento. Foi assim que nasceu a edição 127.

Talvez novembro também tenha ajudado a tornar esse tema ainda mais necessário. Estamos no penúltimo mês do ano. A essa altura, já acumulamos cansaço, muitas informações, inúmeras conversas, opiniões, notícias, cobranças, conselhos e decisões. Parece que, durante todo o ano, muitas vozes disputaram algum espaço dentro de nós. Há palavras que ouvimos dos nossos pais e nunca esquecemos. Frases de professores que atravessaram décadas. Conselhos de amigos que chegaram na hora certa. Algumas palavras foram ditas há muitos anos, mas ainda ecoam.

Foi então que uma pergunta me alcançou durante a construção desta edição: entre tantas vozes que ouvi ao longo da vida, quais permiti que definissem quem eu sou? Porque nem toda voz merece esse lugar. Nem tudo aquilo que disseram sobre nós corresponde ao que Deus diz a nosso respeito. Nem todo conselho deve determinar o nosso caminho. Nem toda opinião precisa ganhar autoridade sobre as nossas decisões.

Por isso, a nossa matéria de capa, "Quem tem ouvidos, ouça", nos convida a pensar justamente nessa diferença entre simplesmente escutar e verdadeiramente ouvir. Em um tempo em que somos expostos a tantas informações, talvez o maior desafio não seja encontrar mais uma voz para seguir, mas silenciar o suficiente para reconhecer aquilo que Deus está dizendo. Essa mesma reflexão continua no Café Teológico, com o Pr. Irismar Queiroz, justamente a partir da imagem do Bom Pastor e das ovelhas que conhecem Sua voz. Quanto mais conhecemos o Pastor, mais preparados estamos para reconhecer Sua direção e também para perceber aquilo que tenta nos afastar d'Ele.

Mas esta edição também me fez pensar na nossa própria voz. Na carta "Não tenha vergonha da sua voz", há um chamado especialmente importante para mulheres que passaram muito tempo silenciando sentimentos, sonhos, opiniões e limites para agradar ou caber nas expectativas dos outros. Em Visão de Mercado, essa voz ganha outro significado. A pergunta é direta: "Sua empresa tem voz. Mas você sabe usá-la?" Ter uma boa ideia, conhecer profundamente um negócio ou possuir uma excelente solução não é suficiente se não conseguimos comunicar seu valor.

Já em Novos Dilemas, a reflexão segue quase na direção oposta: será que precisamos usar a nossa voz o tempo todo? "A obrigação de ter uma opinião" nos faz pensar sobre essa pressão para comentar, responder e escolher rapidamente um lado diante de praticamente tudo.

Enquanto esta edição tomava forma, percebi que falar sobre voz também é falar sobre silêncio. É falar sobre aquilo que escolhemos ouvir. Sobre o que permitimos permanecer dentro de nós. Sobre aquilo que decidimos declarar. E, principalmente, sobre quem terá a palavra final em nossa vida.

O meu convite, ao abrir esta edição, é que você não apenas leia estas páginas. Escute. Escute aquilo que pode confrontar você. Aquilo que pode curar. Aquilo que talvez precise ser revisto. E, acima de tudo, volte seus ouvidos para a voz do Pastor. Porque, entre tantas vozes disputando a nossa atenção, existe uma que conhece o nosso nome, sabe exatamente onde estamos e continua nos chamando para perto.

Boa leitura!



Foto Arquivo Pessoal

Marina Oliveira Lopes Coelho
Editora-chefe - Revista Renascer | Edição nº 127

WAFFLE DE QUEIJO E DE MEMÓRIAS

Algumas receitas entram na rotina pela praticidade, mas permanecem por causa das memórias que criam. Foi assim com este waffle de queijo. O que começou como uma adaptação simples e rápida do tradicional pão de queijo ganhou espaço nas mesas de café da manhã e lanche da tarde da nossa família e, com o tempo, tornou-se também uma receita cheia de afeto. Por aqui, ela virou um verdadeiro coringa para aqueles momentos em que bate a vontade de um lanche gostoso e fácil de preparar.

E ganhou ainda mais significado porque se tornou o lanche favorito da minha filhinha de 4 anos, que sempre faz questão de me ajudar no preparo e na hora de servir. É uma daquelas receitas que a maternidade me apresentou e que reúne leveza, cuidado, praticidade e muito amor. Um lanche simples, mas que mistura sabor, tradição e memórias em família.



WAFFLE DE QUEIJO

Massa
Ingredientes:

- 3 xícaras (chá) de polvilho doce
- 1 xícara (chá) de queijo ralado
- 1 ½ xícara (chá) de leite
- ½ xícara (chá) de óleo
- 2 ovos
- 1 pitada de sal

Modo de preparo:

1. Misture todos os ingredientes em um recipiente e mexa bem até obter uma massa homogênea.
2. Com a máquina de waffle já aquecida, despeje uma pequena quantidade da massa. Como ela cresce bastante durante o preparo, não é necessário colocar muito.
3. Feche a tampa e deixe assar por cerca de 2 a 3 minutos.
4. Em seguida, vire o waffle para dourar do outro lado e deixe por mais aproximadamente 2 minutos. Depois, é só retirar e servir.

Observações:

1. A consistência da massa é cremosa, porém mais líquida do que uma massa de bolo.
2. A massa pode ser armazenada em um recipiente com tampa, na geladeira, por até 5 dias.
3. Ao ser refrigerada, a massa tende a engrossar. Se necessário, acrescente um pouco de leite e misture bem até que volte à textura original.



Foto Arquivo Pessoal

Amanda Martins Santos de Carvalho
Cristã, esposa, mãe e dona de casa. Entre linhas, bolinhos e pequenas reflexões sobre a vida, encontrou na criatividade uma forma de expressar sua fé, servir ao próximo e compartilhar os dons que recebeu de Deus.
@ah.prendada



A OBRIGAÇÃO DE TER UMA OPINIÃO

"O homem se alegra em dar resposta adequada, e a palavra, a seu tempo, quão boa é!" (Provérbios 15:23).

Nunca foi tão fácil expressar uma opinião. Basta abrir as redes sociais para encontrar milhares de pessoas comentando acontecimentos, julgando comportamentos e defendendo posicionamentos sobre os mais variados assuntos. A cada notícia, polêmica ou acontecimento, parece surgir uma expectativa silenciosa, mas insistente, de que todos precisam dizer alguma coisa. Nesse cenário, não basta estar presente: é preciso se posicionar, escolher um lado e, de preferência, fazer isso rapidamente. Mas desde quando ter voz se tornou uma obrigação de usá-la o tempo todo?

Vivemos em uma sociedade que valoriza a rapidez das respostas, mesmo quando a compreensão ainda não teve tempo de acontecer. Somos convocados a reagir antes de refletir, a julgar antes de conhecer os fatos e a tomar partido antes de considerar as diferentes perspectivas de uma situação. O problema é que a velocidade nem sempre caminha ao lado da consciência.

Opinar exige mais do que ter acesso à informação. Exige disposição para escutar, reconhecer a complexidade dos acontecimentos e admitir que nem sempre compreendemos tudo o que está diante de nós. Reconhecer esses limites não nos torna menos capazes; pelo contrário, demonstra maturidade para distinguir aquilo que sabemos daquilo que ainda precisamos aprender.

É justamente nesse ponto que a orientação bíblica se torna tão atual: *"Todo homem, pois, seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar." (Tiago 1:19).*

Essa postura não significa que devemos nos calar diante das injustiças ou abrir mão de posicionamentos importantes. Há momentos em que falar é necessário, especialmente quando o silêncio contribui para perpetuar a violência, a exclusão ou o sofrimento. A questão, portanto, não é defender o silêncio como regra, mas recuperar a liberdade de escolher quando falar, por que falar e de que maneira fazê-lo.

Talvez precisemos aprender que nem todo assunto exige a nossa manifestação imediata, que ouvir não significa concordar e que reconhecer a própria ignorância pode ser o primeiro passo para construir conhecimento. Em vez de disputar permanentemente a razão, podemos cultivar a curiosidade de compreender. Em vez de responder a tudo, podemos fazer perguntas melhores. E, em vez de transformar cada divergência em um confronto, podemos reconhecer que a realidade é, muitas vezes, mais complexa do que nossas certezas permitem enxergar.

A sabedoria bíblica também nos lembra: *"O que retém as palavras possui o conhecimento, e o sereno de espírito é homem de inteligência." (Provérbios 17:27-28).* Em um tempo em que todos parecem querer ser ouvidos, talvez um dos maiores exercícios de maturidade seja aprender a escutar. Ter voz é um direito, mas usá-la com responsabilidade é uma escolha. Nem todo silêncio representa ausência, assim como nem toda fala revela compreensão. Entre a necessidade de opinar e a coragem de reconhecer que ainda precisamos aprender, existe um espaço precioso: o da reflexão.

É nesse espaço que podemos avaliar melhor o que pensamos, o que sentimos e o que realmente conhecemos antes de transformar uma reação em posicionamento. Talvez seja justamente aí que as nossas opiniões deixem de ser apenas respostas apressadas e se tornem expressões mais conscientes de quem somos, daquilo em que acreditamos e da maneira como escolhemos estar no mundo.

No fim, não se trata de falar menos por medo, nem de falar mais para provar alguma coisa. Trata-se de aprender a reconhecer o tempo certo, a intenção correta e o peso que cada palavra pode carregar. Porque, muitas vezes, a maturidade não está apenas em ter algo a dizer, mas em saber quando dizer. *"Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo." (Provérbios 25:11).*

Foto Arquivo Pessoal



Bárbara Volnei

Psicóloga, Neuropsicóloga e Administradora de Empresas. Casada com Leonardo e pais da Alice, residem em Brasília-DF e servem juntos na Igreja Batista Capital. Conheça mais sobre o seu trabalho em @barbaravolnei.psi



AS OVELHAS CONHECEM A VOZ DO PASTOR

"As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem." (João 10:27).

Vivemos em um tempo em que muitas vozes disputam a nossa atenção. Opiniões, redes sociais, conselhos e expectativas da sociedade influenciam as nossas escolhas e a maneira como enxergamos a vida. Em meio a tantas mensagens, surge uma pergunta importante: como reconhecer a voz que realmente deve orientar nossos passos? Em João 10, Jesus se apresenta como o Bom Pastor e nos ensina sobre a importância de conhecer a Sua voz e segui-Lo.

É curioso pensar que nos tempos bíblicos, o pastor mantinha uma relação próxima com suas ovelhas, cuidando delas, conduzindo-as ao alimento e protegendo-as dos perigos. Essa imagem revela a relação que Jesus também deseja estabelecer conosco. Ele não é um guia distante, mas aquele que nos conhece e cuida de nós. Como Ele mesmo declarou: *"Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas" (João 10:11).*

Reconhecer a voz do Pastor pressupõe proximidade e convivência. Da mesma forma que aprendemos a reconhecer a voz de alguém com quem convivemos, desenvolvemos sensibilidade espiritual à medida que conhecemos a Cristo, estudamos Sua Palavra e praticamos Seus ensinamentos. Jesus afirmou: *"Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós" (João 15:4).* A comunhão com o Senhor, portanto, não se limita a conhecer informações sobre Ele; significa caminhar com Ele e permitir que sua Palavra transforme a nossa maneira de viver.

Entretanto, nem todas as vozes que ouvimos nos conduzem pelo caminho correto. Algumas mensagens podem parecer atraentes, mas acabam nos afastando dos princípios do Evangelho. Por isso, o apóstolo João nos orienta: *"Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus" (1 João 4:1).* Precisamos avaliar conselhos, ideias e influências à luz das Escrituras, pois a Palavra do Senhor ilumina as nossas decisões e nos ajuda a discernir o caminho certo.

Em João 10:27, Jesus destaca que suas ovelhas ouvem a sua voz, são conhecidas por Ele e o seguem. Ouvir, portanto, não significa apenas receber uma mensagem, mas responder a ela com fé e obediência. O próprio Jesus declarou: *"Se me amais, guardareis os meus mandamentos" (João 14:15).* Dessa forma, quanto mais conhecemos o caráter e os ensinamentos de Cristo, mais preparados estamos para reconhecer aquilo que está de acordo com Sua vontade e rejeitar o que nos afasta d'Ele.

Essa caminhada, porém, não significa que estaremos livres de dúvidas ou dificuldades. Nossa segurança está na fidelidade do Bom Pastor, que conhece suas ovelhas e lhes concede vida eterna. Assim, mesmo em meio às incertezas, podemos confiar naquele que entregou a sua vida por nós e permanece cuidando de cada passo.

Diante de tantas vozes, vale a pena perguntar: as influências que orientam as minhas decisões estão me aproximando de Cristo ou me afastando d'Ele?

Que possamos cultivar uma vida de oração, comunhão e conhecimento das Escrituras, aprendendo diariamente a reconhecer a voz do nosso Pastor. Afinal, quanto mais conhecemos a Cristo, mais preparados estamos para discernir a Sua direção, confiar em Seu cuidado e permanecer no caminho que Ele nos ensinou.

Foto Arquivo Pessoal



Irismar Queiroz

Pastor na Igreja Batista Renascer



SUA EMPRESA TEM VOZ. MAS VOCÊ SABE USÁ-LA?

Você pode estar perdendo negócios sem perceber. E o problema talvez não esteja no seu produto, no seu preço ou na sua equipe. Pode estar na sua boca. Calma! Não estou falando de falar demais, embora alguns empresários precisem, sim, aprender a fazer pausas estratégicas. Estou falando de algo muito mais sério: a dificuldade de transformar conhecimento em uma mensagem clara, confiança em uma conversa e boas ideias em oportunidades de negócio.

O empresário moderno vive pressionado por resultados. Precisa vender mais, reduzir custos, liderar equipes, acompanhar indicadores, conquistar clientes e se adaptar a um mercado que muda antes mesmo de terminar a próxima reunião. Diante dessa realidade, muitos investem em marketing para atrair pessoas, mas nem sempre se preparam para convencê-las. Investem em tecnologia para ganhar eficiência, mas, às vezes, não conseguem explicar com clareza por que sua solução é melhor. Querem que a equipe compre sua visão, mas esquecem que, antes de cobrar alinhamento, precisam saber comunicar o caminho.

É como colocar um outdoor na avenida mais movimentada da cidade e escrever a mensagem em letras tão pequenas que ninguém consegue ler. A empresa aparece, mas seu valor não chega. Eis uma verdade que merece atenção: o mercado não reconhece automaticamente aquilo que você sabe. Ele percebe aquilo que você consegue comunicar.

É por isso que a oratória não deve ser confundida apenas com discursos em grandes palcos ou com o uso de palavras sofisticadas. Ela acontece quando você apresenta uma proposta comercial, conduz uma reunião, negocia um contrato, dá um feedback, grava um vídeo ou precisa explicar uma decisão difícil.

A comunicação está presente justamente nesses momentos em que uma frase mal colocada pode gerar um conflito, uma explicação confusa pode custar uma venda e uma conversa bem conduzida pode abrir uma porta que parecia fechada. Comunicar bem não significa falar bonito. Significa fazer sentido para quem ouve. É organizar o pensamento, compreender o interlocutor, escolher as palavras, utilizar a voz com intenção e perceber que a linguagem corporal também participa da mensagem. É saber, inclusive, que ouvir com atenção pode ser mais persuasivo do que falar por dez minutos sem deixar espaço para o outro.

Da mesma forma, segurança não é nascer sem medo de falar. É desenvolver preparo suficiente para que o medo não seja o responsável por conduzir a conversa.

Na minha experiência com o desenvolvimento da comunicação, vejo profissionais com grande capacidade técnica que, muitas vezes, não conseguem demonstrar toda a dimensão do que sabem. Quando aprendem a estruturar suas ideias e transmitir suas mensagens com clareza, ampliam sua capacidade de liderar, negociar, influenciar e construir relacionamentos. Não porque passam a falar mais, mas porque passam a comunicar melhor.

Empreender exige estratégia. Liderar exige decisão. Crescer exige execução. Mas tudo isso depende, em alguma medida, da capacidade de fazer pessoas compreenderem, acreditarem e se movimentarem na direção de um objetivo.

Então, fica a pergunta: quantas oportunidades sua empresa pode estar perdendo porque você ainda não aprendeu a comunicar todo o valor que ela entrega? Sua empresa tem voz. Ela fala por meio das reuniões, das negociações, dos vídeos e de cada interação com clientes e colaboradores. A questão não é simplesmente se você tem algo a dizer, mas se está conseguindo fazer sua mensagem chegar.

Porque, no mundo dos negócios, uma boa ideia pode abrir uma possibilidade. Mas é uma comunicação bem construída que pode transformar essa possibilidade em resultado.

Foto Arquivo Pessoal



Luiz Neto Fontes Junior
Sócio-proprietário da Vox2you e da Via Permuta Contato: (62) 99969-2176
luiznetofontesjunior@gmail.com
@luiz_netojunior



O QUE LEIO, OUÇO E ORO

Em meio a tantas vozes disputando a nossa atenção, um dos maiores desafios da atualidade seja aprender a silenciar o suficiente para reconhecer aquilo que Deus está dizendo. Neste mês, as indicações nos convidam justamente a isso: desacelerar, aproximar o coração do Senhor, discernir a Sua voz e desenvolver uma escuta que não termina apenas no ouvir, mas nos conduz à confiança e à obediência.

PARA LER:

Discernindo a Voz de Deus
Autora: Priscilla Shirer
(224 páginas)



Nesta obra, Priscilla Shirer conduz o leitor a uma reflexão sobre intimidade com Deus e sobre como reconhecer a Sua voz em meio aos ruídos do cotidiano. O livro mostra que ouvir o Senhor está profundamente ligado ao relacionamento com Ele e à disposição de responder àquilo que Ele fala. É uma leitura especialmente adequada para quem deseja crescer em discernimento, oração e sensibilidade espiritual. Publicado no Brasil pela Editora Mundo Cristão, o livro está disponível em formato físico e digital.

PARA OUVIR:

Música: Aquieta Minh'alma — Ministério Zoe

Uma canção conhecida no meio cristão que conduz a um lugar de silêncio, confiança e descanso em Deus. Em uma edição que fala sobre tantas vozes disputando a nossa atenção, Aquieta Minh'alma nos lembra da importância de diminuir o barulho ao redor e dentro de nós para voltar o coração à presença do Senhor. Mais do que buscar respostas imediatas, a música nos convida a permanecer perto de Deus, confiar em Seu cuidado e encontrar n'Ele a direção de que precisamos.

VERSÍCULO PARA O MÊS DE NOVEMBRO:

"Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas." (Apocalipse 2:7).

ORAÇÃO:

"Senhor, em meio a tantas vozes, ensina-me a reconhecer a Tua. Silencia em mim aquilo que tenta ocupar o lugar da Tua Palavra e dá-me discernimento para ouvir, fé para confiar e coragem para obedecer. Que eu conheça cada dia mais a voz do meu Pastor e escolha segui-la acima de qualquer outra. Amém."

Capa:

QUEM TEM OUVIDOS, OUÇA!

"Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao vencedor darei o direito de comer da árvore da vida, que está no paraíso de Deus." (Apocalipse 2:7).

Qual é a diferença entre simplesmente escutar e verdadeiramente ouvir?

Nas Escrituras, ouvir nunca é uma atividade puramente intelectual ou sensorial. Ouvir de verdade envolve o coração, a submissão e a prática. Por isso, a diferença entre apenas captar um som e realmente ouvir pode ser resumida em uma palavra: obediência.

No hebraico, a raiz para ouvir é שָׁמַע (Shemá). Uma das declarações mais importantes da fé de Israel começa justamente com esse chamado: *"Ouve (Shemá), Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor" (Deuteronômio 6:4).* Nesse contexto, ouvir significa prestar atenção com reverência, guardar no coração, amar a Deus com todas as forças e obedecê-Lo.

Na cosmovisão bíblica, não existe separação entre ouvir e agir. Se uma instrução de Deus foi ouvida, mas não colocada em prática, biblicamente, ela ainda não foi verdadeiramente ouvida.

Jesus repetiu diversas vezes a expressão: *"Quem tem ouvidos para ouvir, ouça" (Mateus 13:9).* Nesse contexto, é interessante destacar que as pessoas que estavam diante d'Ele possuíam audição física, mas nem todas estavam dispostas a compreender Sua mensagem, crer e segui-Lo. Isso nos mostra que é possível escutar palavras sem permitir que elas alcancem o coração.

Na parábola dos dois fundamentos, em Mateus 7:24-27, Jesus apresenta dois homens. O prudente ouve e pratica e, por isso, constrói a sua casa sobre a rocha. O insensato também ouve, mas não pratica; constrói sobre a areia e sofre a ruína. A diferença entre os dois não está apenas naquilo que ouviram, mas no que fizeram com aquilo que receberam.

Essa reflexão se torna ainda mais necessária nos nossos dias.

Hoje, somos cercados por ruídos, entretenimento, polêmicas, notícias e por uma pressão constante para opinar sobre tudo. Em meio a tantas informações, corremos o risco de reagir a muitas coisas e discernir poucas. Quando a nossa atenção é constantemente fragmentada, torna-se mais difícil aquietar o coração, meditar na Palavra e reconhecer aquilo que realmente importa.

A distração não nos deixa necessariamente cegos; ela nos divide por dentro. Seu propósito é desviar a nossa atenção do foco principal e, quando isso acontece, nossa capacidade de ouvir também é afetada.

O diabo não precisa nos empurrar diretamente para o pecado se conseguir desviar a nossa atenção de Jesus e enfraquecer nossa comunhão com Deus.

Existe uma guerra acontecendo diante dos nossos olhos: uma guerra pelo foco. Não é uma guerra contra pessoas, mas contra forças espirituais que tentam nos afastar do centro da missão. Quando o nosso foco é desviado, a nossa escuta é enfraquecida; e, quando deixamos de ouvir, também deixamos de obedecer. O inimigo não precisa nos prender em cadeias quando consegue aprisionar nossa atenção.

Por isso, ouvir a voz de Deus exige atenção, discernimento e disposição para obedecer. Fomos criados para ouvir a Sua voz e nos relacionar com o Pai. Jesus deixa isso claro em João 10:27: *"As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem."* Existe, portanto, uma relação entre ouvir, conhecer e seguir. A voz do Pastor não nos chama apenas para receber informação, mas para caminhar em Sua direção.

Quando aprendemos a ouvir, recebemos direção para nossas vidas e também nos tornamos capazes de transmitir o amor e a direção de Deus às pessoas ao nosso redor.

Por essa razão, não devemos permitir que as opiniões do mundo ou nossas próprias percepções equivocadas se tornem maiores do que aquilo que a Palavra de Deus declara. Precisamos permanecer firmes na maneira como Deus nos enxerga, sob a ótica perfeita do Pai. Ele nos conhece profundamente. Conhece nossas limitações, nossos medos e também nossas capacidades.

Todos os dias existe um convite para ouvirmos a Sua voz por meio da Sua Palavra.

Infelizmente, muitos de nós queremos ouvir a voz de Deus, mas poucos estão dispostos a buscar a Sua presença. Contudo, se temos a presença, temos direção. Não dependemos de intermediários humanos para nos relacionarmos com Deus, pois o Espírito Santo habita em nós. Talvez seja necessário parar de buscar apenas respostas e começar a buscar o próprio Deus.

Acredite: é na presença d'Ele que a confusão se dissipa, a paz governa e Sua vontade se revela. É nesse lugar de comunhão que aprendemos a reconhecer a Sua voz com mais clareza e também encontramos coragem para obedecer.

Ouvir a Deus, portanto, requer intencionalidade. Para desenvolver uma vida profunda com Ele, precisamos dedicar tempo à Sua Palavra e à oração. Em meio a tanto barulho, somos chamados a voltar ao essencial: buscar o Senhor, meditar em Sua Palavra, orar, jejuar e obedecer ao que Ele nos ensina.

Talvez o maior desafio dos nossos dias não seja a ausência da voz de Deus, mas a dificuldade de silenciar tantas outras vozes para reconhecê-la. Sim, Deus continua falando. A pergunta é: estamos realmente ouvindo? Mais do que ter ouvidos, precisamos ter um coração disposto a receber Sua Palavra e uma vida pronta para responder a ela.

Porque ouvir a voz de Deus não termina quando entendemos o que Ele disse. O verdadeiro ouvir começa quando decidimos obedecer. Quem tem ouvidos, ouça!



Foto Arquivo Pessoal

Keilla Garcez
Formada em Administração de Empresas, esposa e mãe
Líder do Ministério de Jovens Unidos da Igreja Batista Renascer
Integrante do IBR Music.

NOVEMBRO AZUL. E OS OUTROS 11 MESES?

O Novembro Azul é o principal movimento global dedicado à saúde masculina, com ênfase especial na prevenção e no diagnóstico precoce do câncer de próstata. No Brasil, a campanha é realizada desde 2011 e tem como objetivo levar informação, romper o silêncio e vencer o preconceito em torno dos cuidados com o corpo e a mente dos homens.

Atualmente, as diretrizes do Ministério da Saúde ampliaram o alcance do Novembro Azul para além do câncer de próstata, transformando a campanha em um alerta para a saúde integral do homem. Esse olhar mais amplo é necessário, especialmente porque estatísticas da Sociedade Brasileira de Urologia mostram que os homens frequentam o consultório médico três vezes menos do que as mulheres, o que pode atrasar a detecção de diversas doenças.

O câncer de próstata é o mais prevalente entre a população masculina, mas não devemos nos esquecer de outros tumores frequentes e, em alguns casos, mais agressivos, como os cânceres de pele, pulmão e intestino. Os urologistas também têm chamado a atenção para os tumores de testículo, que podem surgir em homens jovens e até em meninos.

Outro ponto importante é o câncer de pênis, que ainda apresenta alta prevalência, principalmente entre populações de baixa renda. A doença está associada à fimose, à inflamação crônica do prepúcio (pele que cobre a glande do pênis), às doenças sexualmente transmissíveis, especialmente às verrugas genitais relacionadas ao HPV, e também a hábitos de higiene inadequados.

Entretanto, cuidar da saúde do homem vai muito além da prevenção dos diferentes tipos de câncer. É fundamental monitorar e prevenir condições crônicas e severas, como doenças cardiovasculares e diabetes, que também estão entre as causas de incapacidade e mortalidade precoce. Muitas dessas condições podem ser diagnosticadas e controladas por meio de consultas regulares e exames básicos.

A saúde mental também precisa fazer parte desse cuidado. O combate à depressão e a atenção aos fatores emocionais são indispensáveis, principalmente porque ainda existem muitos estigmas e barreiras associados ao autocuidado e à vulnerabilidade masculina.

Por muito tempo, ensinou-se que o homem precisava ser "forte" o suficiente para suportar a dor em silêncio. É verdade que a sociedade necessita de homens fortes, mas a verdadeira força não está em esconder o medo ou ignorar os sinais do corpo. Ela está em encará-los com coragem, responsabilidade e disposição para buscar ajuda quando necessário.

É justamente por isso que o Novembro Azul tem um papel tão importante. A campanha nos lembra que cuidar da própria saúde não é sinal de fraqueza, mas um dos maiores atos de amor que o homem pode oferecer a si mesmo e a quem está ao seu lado. É preciso driblar o preconceito, quebrar tabus e fazer da prevenção parte do planejamento para o futuro.

Novembro é, sim, um marco importante para a saúde masculina e uma oportunidade de ampliar essa conversa. Mas o cuidado não pode terminar quando o mês acaba. Ele precisa se estender por todos os outros onze meses do ano.

Atitudes simples, como manter os exames de rotina em dia, cuidar da alimentação, praticar atividade física e prestar atenção à saúde mental, podem fazer grande diferença. São esses cuidados constantes que ajudam a garantir mais tempo, qualidade de vida, força e disposição para que o homem continue desempenhando o seu papel na família e na sociedade.



Foto Arquivo Pessoal

Dr. Flávio Marques dos Santos
Médico urologista, com atuação em Cirurgia Robótica.



NÃO TENHA VERGONHA DA SUA VOZ!

Querida amiga,

Oi! Quanto tempo sem nos falarmos depois daquele nosso café! Você conseguiu apresentar tudo o que tinha em mente sobre o seu projeto? Eles aceitaram a sua proposta inovadora? Eu estava aqui, em sala de aula, quando ouvi mais uma aluna comentando que não gostava de se ouvir cantando. Na mesma hora, me lembrei das nossas conversas sobre a infância, de quando tantas vezes precisávamos engolir o choro ouvindo a tão famosa frase: "Deixe de ser tão dramática!"

Comecei, então, a refletir sobre o quanto situações assim impactaram as nossas vidas. Engolir o choro significava, muitas vezes, engolir também aquilo que incomodava, negar a frustração e calar a dor. Significava aceitar o que era imposto, sem refutação, sugestão ou opinião.

Sim, minha amiga, eu sei. Também passei por isso: silenciar para agradar. Crescemos condicionadas a fazer isso, tentando entrar nos padrões estabelecidos e caber em uma brecha que talvez nos oferecesse aceitação e afeto. Talvez.

E, enquanto isso, passamos parte de nossas vidas criando ideias, traçando soluções, ajudando outras amigas, incentivando os sonhos dos nossos filhos e nos alegrando com as conquistas de outras pessoas. Mas, quando olhamos para nós mesmas, muitas vezes encontramos nossos próprios sonhos e planos paralisados pelo silêncio, pelo medo da repreensão, da crítica maldosa e daquela conhecida frase: "Você com essa ideia de novo?"

Sabe, amiga, dizer basta àquilo que fere e diminui também é clamar por si mesma. É dar voz às suas ideias e aos seus sonhos. É reconhecer valor na sua própria vida. Sim! Dar valor à sua vida. As pessoas te amam por quem você é, e não pelo que você permite que façam com você.

Por isso, não tenha medo de algum afastamento por estabelecer seus limites, expressar suas ideias ou dizer aquilo que incomoda. Não tenha medo por decidir que não quer mais "engolir o choro" ou por escolher opinar com respeito. Porque, sim, você aprendeu o valor do respeito, por si mesma e pelos outros. Então, minha amiga, fale. Não tenha vergonha da sua voz. Diga em alto e claro tom aquilo que precisa ser dito.

Escrevo esta carta para lembrar você de uma coisa: não desista! O Senhor te deu voz, te capacitou, te fez sair de uma brecha que nunca te coube e te colocou em um lugar grande, sem barreiras, para que você voe muito alto. *"... Clama em alta voz, não te detenhas, levanta a voz como a trombeta e fale..." (Isaías 58:1). "Não te enviei eu? Sê forte e corajosa; não temas, nem te espantes, porque o Senhor, teu Deus, é contigo por onde quer que andares." (Josué 1:9).*

Você é mais corajosa do que imagina. E espero receber notícias suas em breve.

Com carinho,
Sua amiga.



Foto Arquivo Pessoal

Armanda Paz
Professora de canto e ministra de louvor @armandapaz

O PODER DA PALAVRA LIBERADA

"A língua tem poder sobre a vida e sobre a morte; os que gostam de usá-la comerão do seu fruto." (Provérbios 18:21).



Há palavras que apenas descrevem uma realidade. Outras, porém, quando nascem da fé e estão alinhadas com aquilo que Deus disse, tornam-se instrumentos de posicionamento, esperança e transformação. É sobre esse poder da palavra liberada que a visão de Ezequiel 37 nos ensina.

Na história de Ezequiel vemos que Deus levou o profeta até um vale cheio de ossos secos, um cenário de completa impossibilidade, e fez uma pergunta: "Filho do homem, esses ossos poderão tornar a viver?" Diante daquela realidade, Ezequiel responde com sabedoria: "Senhor, Tu o sabes." Então Deus lhe dá uma ordem: "Profetiza sobre esses ossos!" Ezequiel obedeceu. E assim, quando liberou a palavra que recebeu de Deus, os ossos começam a se mover, se ajuntam, surgiram tendões, carne e pele. Ainda assim, faltava algo: o espírito de vida. Mais uma vez, Deus mandou o profeta falar e, quando ele profetizou, o espírito entrou naqueles corpos, e um grande exército se colocou de pé. Veja que interessante, pois a mudança começou quando a palavra foi liberada.

Essa passagem nos ensina uma verdade espiritual importante: há poder naquilo que falamos quando as nossas palavras estão fundamentadas naquilo que Deus declarou. Desde o princípio, vemos Deus agindo por meio da palavra. Em Gênesis, Ele disse: "Haja luz", e houve luz. A Palavra de Deus produz vida, ordem e transformação. Por isso, precisamos compreender também a responsabilidade que existe naquilo que liberamos com a nossa boca.

Muitas vezes, passamos dias pensando em nossos problemas, alimentando preocupações e imaginando os piores cenários. No entanto, pensamentos são, de certa forma, palavras ainda não ditas. Chega um momento em que precisamos decidir o que será liberado de dentro de nós. Se algo permanece apenas no pensamento, não encontra expressão. Por isso, precisamos aprender a usar as nossas palavras de acordo com a vontade de Deus, declarando a verdade sobre nossa vida, nossa família e nossas circunstâncias. A fé também precisa encontrar voz.

Há pessoas que oram, jejuam e buscam a Deus, mas continuam permitindo que suas palavras sejam dominadas pelo medo, pela derrota e pela incredulidade. Jesus nos ensina, em Marcos 11:23, sobre a importância de falar ao monte. A fé não é apenas algo que sentimos; ela também se manifesta na maneira como nos posicionamos diante dos desafios.

Diante de um problema, portanto, não devemos alimentar somente aquilo que parece impossível. Precisamos aprender a declarar aquilo que está alinhado com a Palavra de Deus. Não podemos aceitar passivamente que o medo, a escassez, a perturbação ou qualquer forma de escravidão espiritual dominem nossa casa, nossa família ou nossa vida.

Se há perturbação no lar, é necessário declarar a paz de Deus. Se há medo, precisamos reafirmar a confiança no Senhor. Se existe uma situação que parece sem saída, devemos nos lembrar de que nenhuma circunstância é maior do que o Deus a quem servimos. Mas a palavra liberada também exige discernimento espiritual.

Nem sempre percebemos imediatamente o que está acontecendo ao nosso redor. Existem ambientes, situações e momentos em que sentimos que algo não está bem. Nessas horas, precisamos orar, buscar direção e nos posicionar espiritualmente. O diabo trabalha na esfera da dúvida, mas Deus opera na esfera da fé. Quando a dúvida encontra espaço, ela tenta paralisar. A fé, porém, nos leva a confiar, agir e permanecer firmes naquilo que Deus disse. Por essa razão, o tempo com Deus é indispensável.

Além disso, os problemas que surgem em nosso caminho também podem assumir significados diferentes dependendo da maneira como lidamos com eles. Uma mesma dificuldade pode se tornar um tropeço ou um degrau. Pode nos paralisar ou nos levar a um novo nível de maturidade e confiança em Deus. O que faz diferença é a maneira como respondemos.

Por isso, diante das impossibilidades, não podemos nos calar. Se Deus nos deu uma promessa, precisamos crer nela. Se existe um desafio, devemos enfrentá-lo com fé. Se há uma área da nossa vida que precisa de restauração, devemos continuar orando e declarando aquilo que está de acordo com a vontade do Senhor. Deus nos dá Sua Palavra, mas precisamos decidir o que faremos com ela.

Ezequiel poderia ter olhado para aqueles ossos e concluído que nada poderia mudar. Em vez disso, ouviu Deus e liberou aquilo que havia recebido. Foi então que o cenário começou a se transformar. Talvez existam hoje áreas da sua vida que se parecem com aquele vale: situações secas, paralisadas ou aparentemente sem esperança. É justamente nesses momentos que precisamos compreender o verdadeiro poder da palavra liberada. Não se trata de repetir frases vazias ou tentar controlar circunstâncias com a força da nossa vontade. Trata-se de conhecer o que Deus disse, crer em Sua Palavra e permitir que nossa boca esteja alinhada com a fé que carregamos no coração.

Portanto, não permita que o cenário fale mais alto do que aquilo que Deus declarou. Busque a Sua presença. Conheça Sua Palavra. Fortaleça sua fé. E, quando Deus falar, não tenha medo de liberar a palavra certa. Declare vida onde existe desânimo. Declare paz onde existe perturbação. Declare esperança onde tudo parece perdido. E, acima de tudo, permita que suas palavras sejam sempre conduzidas pela verdade de Deus.

Porque o poder da palavra liberada não está em quem fala, mas naquele que sustenta a palavra. Lembre-se: a última palavra continua sendo d'Ele. Deus te abençoe!



Foto Arquivo Pessoal

Pastor João Queiroz

Pastor Presidente da Igreja Batista Renascer

ENTREVISTA

MARIANE FERREIRA

O LUTO TAMBÉM PRECISA SER OUVIDO

Por Marina Oliveira Lopes Coelho



Foto Arquivo Pessoal

Falar sobre luto ainda é, para muitas pessoas, entrar em um território cercado de silêncio, desconforto e frases prontas. No entanto, compreender a perda, respeitar o tempo de cada pessoa e aprender a acolher a dor são passos importantes para que o sofrimento não se transforme em isolamento. Nesta entrevista, conversamos com Mariane Ferreira, jornalista, psicanalista e tanatóloga, especialista em processo de luto. Com formação em Terapia de Reprocessamento de Traumas e Psicoteologia, pós-graduação em Assessoria de Comunicação de Crise e atualmente finalizando o curso de Psicologia, ela também é presidente do Instituto Vidar, instituição dedicada ao acolhimento de pessoas enlutadas e ao desenvolvimento humano. A sua trajetória profissional também é marcada por uma experiência pessoal profunda: a perda de sua filha Aurora, em 2016. A partir dessa vivência, Mariane passou a transformar a própria dor em conhecimento, acolhimento e esperança para outras pessoas.

Por que é importante viver o luto, em vez de tentar esconder a dor ou seguir a vida como se nada tivesse acontecido?

O luto é uma resposta humana à perda de alguém ou de algo significativo. Não é uma fraqueza, uma doença por definição ou algo que precise ser escondido. É uma experiência que envolve dimensões emocionais, cognitivas, físicas, sociais e, muitas vezes, espirituais. Quando tentamos silenciar a dor ou atender à expectativa de que precisamos ser fortes o tempo todo, podemos acabar nos afastando das nossas próprias necessidades emocionais. Viver o luto significa reconhecer a perda, compreender seus impactos e encontrar maneiras de integrar essa experiência à nossa história.

Existe um tempo considerado "normal" para o luto ou cada pessoa precisa encontrar o seu próprio ritmo para lidar com a perda?

Não existe um prazo universal para o luto. A experiência é influenciada pelo vínculo com quem morreu, pelas circunstâncias da perda, pela história de vida, pela rede de apoio, pelas crenças e pelos recursos emocionais de cada pessoa. Por isso, precisamos abandonar a ideia de que alguém deve estar "recuperado" em determinado número de meses ou anos. Comparar processos pode gerar culpa e sofrimento desnecessários. Ao mesmo tempo, respeitar o tempo de cada pessoa não significa considerar que ela precise permanecer sofrendo indefinidamente.

Como podemos acolher alguém enlutado sem cair em frases prontas ou tentar apressar o seu processo de recuperação?

O primeiro passo é compreender que acolher não significa encontrar a frase perfeita, mas oferecer uma presença verdadeira. Muitas vezes, tentamos diminuir a dor do outro porque não sabemos lidar com ela. Por isso, recorremos a frases como "você precisa ser forte", "foi melhor assim" ou "pelo menos você tem outros filhos". Mesmo quando são ditas com boa intenção, essas palavras podem fazer a pessoa se sentir incompreendida. Em vez de tentar explicar a perda ou apressar a recuperação, podemos dizer: "Sinto muito pela sua perda", "Estou aqui com você" ou "Se quiser falar sobre essa pessoa, eu quero ouvir".

Como podemos acolher alguém enlutado sem cair em frases prontas ou tentar apressar o seu processo de recuperação

A fé e a tristeza não são sentimentos incompatíveis. Acreditar na eternidade não elimina a dor da despedida, porque amamos pessoas com quem construímos vínculos concretos, compartilhamos experiências e desejamos continuar vivendo. Na tradição cristã, existe espaço tanto para a esperança quanto para o lamento. A própria Bíblia apresenta pessoas que choraram, questionaram e expressaram sua angústia diante da perda. Isso nos ajuda a compreender que sentir tristeza não significa ter pouca fé, assim como chorar não significa deixar de confiar em

Leia a Entrevista completa, acessando o nosso site: revistarenascer.com

O TEMPO PASSOU, DEUS NÃO ESQUECEU!

"Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel." (Hebreus 10:23).

Quando olho para a minha história, consigo perceber que Deus já estava trabalhando muito antes de eu compreender os caminhos que Ele havia preparado para mim. Sou a caçula de três meninas e fui criada por uma mãe solo, que precisou enfrentar muitas dificuldades para cuidar das filhas. Aos 17 anos, deixei a casa da minha mãe e, em 1996, fui trabalhar como empregada doméstica em São Bernardo do Campo, São Paulo. Alguns anos depois, em dezembro de 1999, mudei-me para Navegantes, em Santa Catarina, com meu esposo. Naquele momento, eu ainda não imaginava tudo o que Deus faria em nossa caminhada.

No ano de 2000, fiz meu primeiro embarque em uma plataforma de petróleo. E foi em meio ao mar que algo começou a mudar profundamente dentro de mim. Enquanto eu vivia aquela experiência, o Senhor começou a trabalhar no meu coração. Passei a sentir uma fome e uma sede de Deus que antes não conhecia. Havia dentro de mim uma vontade crescente de conhecer melhor esse Deus tão zeloso, amoroso e cuidadoso.

Até que, em 2003, tomei uma das decisões mais importantes da minha vida: entreguei-me ao Senhor e confessei Jesus Cristo como meu Salvador. Daquele momento em diante, começou uma nova etapa da minha história. Passei a viver as promessas de Deus e a perceber Seus propósitos se manifestando não somente em minha vida, mas também dentro da minha casa. Entre tantos feitos do Senhor, existe uma promessa que permaneceu guardada de maneira muito especial em meu coração.

No ano de 2013, uma missionária esteve em minha casa e Deus a usou para liberar uma palavra sobre minha vida. Segundo aquela revelação, eu estaria em um lindo lugar, cercado por árvores e diante de um belo lago. Debaixo de uma árvore, eu ministraria a Palavra de Deus diante de uma grande multidão, e vidas seriam tocadas, alcançadas e transformadas pela presença do Senhor. Recebi aquela palavra e a guardei.

Os anos passaram. A vida seguiu seu curso, vieram responsabilidades, família, ministério, alegrias, desafios e tantas outras experiências. Mas aquela promessa continuava guardada em algum lugar dentro de mim. A verdade é que Muitas vezes, entre a promessa e o cumprimento existe um processo. Então chegou o dia 6 de setembro de 2026. Naquele dia, vivi algo que jamais esquecerei. Enquanto ministrava a Palavra, o Espírito Santo trouxe de volta à minha memória aquilo que havia sido dito tantos anos antes. Olhei ao meu redor. O lugar estava ali. As árvores estavam ali. O lago estava diante de mim. Eu estava ministrando a Palavra, e havia uma multidão reunida. De repente, compreendi o que estava acontecendo. Eu estava vivendo a promessa. Aquela palavra que havia sido liberada em minha casa no ano de 2013 estava se cumprindo diante dos meus olhos, treze anos depois.

É difícil explicar o que se passa dentro do coração quando percebemos que Deus não esqueceu aquilo que falou conosco. Ele sabia. Naquele momento, pude compreender ainda mais que o tempo de Deus não é atraso. Existe um propósito sendo construído enquanto esperamos. Por isso, quando compartilho esta história, quero falar especialmente com quem também carrega uma promessa no coração.

Talvez Deus tenha falado algo com você há muito tempo. Talvez os anos tenham passado e as circunstâncias de hoje pareçam muito diferentes daquilo que um dia você ouviu. Talvez, em alguns momentos, você até tenha se perguntado se aquela promessa ainda permanece de pé. Mas acredite: se Deus prometeu, Ele continua sendo fiel. Por isso, não desista. Não permita que o passar do tempo roube a sua fé. Continue caminhando, servindo, buscando e confiando. Portanto, se existe uma promessa de Deus sobre a sua vida, guarde-a com fé. Talvez você ainda não consiga ver como ela acontecerá, mas o Deus que conhece o começo também já conhece o final. Nenhuma promessa de Deus chega atrasada. Quando o tempo d'Ele chegar, você compreenderá que, mesmo durante a espera, Ele nunca deixou de conduzir a sua história.



Foto Arquivo Pessoal

Maria das Graças de Oliveira de Medeiros
Pastora auxiliar do Ministério Efraim, em Navegantes (SC). Casada há 26 anos e mãe de três filhos, atua ao lado do esposo no cuidado de pessoas, aconselhamento, visitas e diferentes áreas do ministério. Já foi empreendedora e, atualmente, dedica-se ao lar e ao serviço cristão.



OUVIDOS PARA OUVIR, CORAÇÃO PARA OBEDECER

O vento soprava forte no porto quando ele chegou. O céu tinha a cor do chumbo, e as águas batiam contra as pedras, levantando uma espuma branca que se desfazia aos pés dos marinheiros. O cheiro de peixe, madeira molhada e sal impregnava o ar. Havia homens gritando, cordas sendo puxadas, mercadorias sendo arrastadas para dentro dos barcos. Tudo era indiferente ao drama de um homem que acabara de decidir fugir da ordem que recebera. Ele tomaria um destino diferente daquele que deveria tomar. Parou diante do navio. Não havia dúvidas sobre a ordem, nem engano, nem confusão. A voz fora clara: deveria ir a outra cidade não aquela para onde intentava fugir. Pagou a passagem e subiu a bordo. O navio cheirava a óleo, cordas úmidas e madeira envelhecida. As velas estalavam ao vento, e o casco rangia como se protestasse contra o peso das águas. Ele desceu ao porão, encontrou um canto escuro e deitou-se. Talvez quisesse apenas não pensar, mas adormeceu.

Quando a tempestade começou em alto mar, o céu pareceu desabar. As ondas erguiam o navio e o arremessavam contra os abismos. A água invadia o convés, as cordas escapavam das mãos, e os marinheiros gritavam uns para os outros, desesperados. O vento uivava entre os mastros, e cada estalo da madeira parecia anunciar que a catástrofe era iminente. Ele despertou do sono profundo. Encontraram-no ali, escondido, enquanto todos lutavam pela vida. E, quando descobriram que a tempestade estava ligada à sua fuga, ele próprio reconheceu o que precisava ser feito. Foi lançado ao mar. A fúria do mar se acalmou enquanto ele descia às profundezas.

Por um instante, houve apenas o choque da água gelada, o gosto salgado entrando pela boca e o corpo sendo tragado. A superfície se afastou, a luz desapareceu, e o mar fechou-se sobre ele. Então veio a sua salvação: fora tragado por uma espécie de submarino errante. Não havia beleza naquele lugar. Era escuro, úmido, sufocante. O cheiro era insuportável. Não havia horizonte, não havia porto, não havia para onde fugir. Não havia qualquer possibilidade de controlar o próprio destino. Agora, o homem que escolhera não ouvir, ficou sozinho dialogando com a voz que tentara evitar.

O tempo passou e ele não sabia se era manhã ou noite. Restavam o medo, o cansaço e a lembrança da ordem que o levara à fuga. Quando já não lhe sobravam forças para resistir e o fôlego lhe fugia, sentiu a terra firme sob seu corpo. Fora vomitado. Ele caiu sobre a areia molhada, quase inerte com dores por todo o corpo. O ar entrou-lhe nos pulmões como uma lâmina. O sol feria seus olhos, e as ondas recuaram. Foi quando ouviu novamente a voz que o enviara. Dessa vez, ele não encontrou outro navio. Levantou-se com dificuldade e reconheceu que estava perto da cidade para onde deveria ter embarcado segundo a ordem que recebera.

A cidade surgiu diante dele como uma muralha de pedra e poeira. Suas portas eram imensas, suas ruas movimentadas, seus mercados barulhentos. Havia vendedores anunciando mercadorias, animais atravessando os caminhos estreitos. O cheiro de especiarias misturava-se ao suor dos homens e à fumaça dos fornos. A cidade pulsava, negociava, ria e pecava, sem saber que um forasteiro caminhava em suas ruas com uma mensagem de condenação.

Ele andava devagar. Não queria estar ali. Aquela cidade perversa e pecaminosa era inimiga de seu povo e de suas crenças. Ele não queria anunciar o juízo e, muito menos, assistir à possibilidade de um arrependimento, pois sabia que se agissem assim, eles seriam poupados. Ele queria a destruição daquela grande cidade. Sua boca pronunciava a mensagem, mas o seu coração estava longe dali.

Mesmo assim, ele atravessou as ruas erguendo a voz diante dos habitantes. Anunciou que a cidade seria destruída. E o povo ouviu e creu, se humilhou e abandonou suas perversões. A notícia chegou ao rei, e até o trono se cobriu de luto. A cidade inteira se arrependeu, foi alcançada pela misericórdia e foi perdoada. Ele, porém, não se alegrou. Sentou-se do lado de fora da cidade, tomado pela indignação. O homem que havia sido resgatado das profundezas não conseguia suportar que outros também recebessem misericórdia...

Há fugas que não terminam quando nossos pés param de correr. Por vezes, obedecemos com o corpo enquanto o coração permanece distante. Há ordens divinas que ouvimos com tanta clareza que não podemos alegar desconhecimento, apenas resistência.

"Quem tem ouvidos, ouça", não são palavras que falam de uma simples capacidade de escutar. Falam da disposição de se render à voz de comando, porque o perigo maior não está em não ouvir, mas em ouvir, compreender e, ainda assim, escolher outro caminho. Quantas vezes também precisamos ser despertados? Não porque Deus tenha deixado de falar, mas porque nos acostumamos a ouvir sem obedecer. Queremos as promessas, mas resistimos às ordens, rejeitamos a correção.

Inspirada na jornada do Profeta Jonas.


Foto Arquivo Pessoal

Por Anibal Filho
Pastor na Igreja Batista Renascer





PRINT